

## Retalhos do Brasil: *Chove sobre minha infância* e o contexto social paranaense<sup>1</sup>

Prof. Ms Alzira Fabiana de Christo<sup>1</sup> (UNIOESTE)

### Resumo:

*As reminiscências da época infantil do escritor paranaense Miguel Sanches Neto são a base composicional de **Chove sobre minha infância**. A trama narrativa está ligada às recordações da personagem Miguel, um menino pobre, que sonhava em ser escritor. Sanches Neto ambienta espacialmente o romance em Peabiru, cidade onde foi criado – situada no Noroeste do Paraná. Sendo assim, o presente estudo objetiva verificar como o tempo e o espaço estão diretamente ligados em uma obra de arte. De acordo com a teoria bakhtiniana, o tempo está entendido como um conjunto de relações vinculado às épocas históricas, contudo, não somente a uma época, ele está vinculado à vida, uma vez que a vida está amparada em um tempo e em um espaço. Nesse sentido, **Chove sobre minha infância** evidencia uma época de transição social e econômica da sociedade paranaense, a mecanização agrícola e o conseqüente aumento da urbanização, em meados da década de 1960. Essas transformações resultantes da nova ordem econômica causam uma acentuada mudança nos costumes e modo de organização desse universo rural. Ao mesmo tempo em que evoca as reminiscências do escritor, a obra aborda a identidade social presente neste cenário alheio às outras regiões e centros urbanos do país.*

**Palavras-chave:** **Chove sobre minha infância**; Miguel Sanches Neto; memória; tempo; espaço.

### Introdução

Para Mario Sabino: “O paranaense Miguel Sanches Neto não é badalado pelos editores dos cadernos culturais, não faz parte de panelinhas literárias, não tem lobistas na universidade (...) Não bastassem essas qualidades (grandes qualidades, enfatize-se), ele é um ótimo escritor. O melhor da sua geração” (Veja, 24 de agosto de 2005). A partir das palavras de Sabino, pode-se verificar a posição de destaque que ocupa o escritor paranaense Miguel Sanches Neto na Literatura Brasileira. Professor, escritor, jornalista, poeta e crítico literário, Miguel Sanches Neto escreve há algum tempo, porém, seus escritos eram antes reconhecidos enquanto estudos acadêmicos. Atualmente, depois de uma boa parte de seus romances e poemas terem sido publicados e consagrados em concursos, dentre eles, ter recebido o “Prêmio Cruz e Sousa” pela obra **Hóspede secreto**, em 2002, reconheceu-se nele um autor que vem produzindo uma obra bastante significativa no contexto da literatura atual. Dentre suas publicações, estão: **Inscrição a giz** (1989), **Chove sobre minha infância** (2000), **Hóspede secreto** (2002), **Herdando uma biblioteca** (2004), **Venho de um país obscuro** (2005), **Um amor anarquista** (2005) e **A primeira mulher** (2007). Objetiva-se no presente estudo analisar o romance **Chove sobre minha infância**<sup>2</sup>, obra que transita entre a ficção e a memória, visto que se atém à trajetória de Miguel, um menino pobre, que alimenta o sonho de ser escritor em um universo em que as ações estão ligadas ao cultivo da terra – plantar, colher, vender, trabalhar e economizar. De acordo com José Carlos Fernandes (2000): “Para ajudar, Sanches vinha de uma família de agricultores, cuja cartilha de valores previa, no lugar da leitura, o manuseio da enxada, o gosto pela

<sup>1</sup> A análise apresentada neste artigo faz parte de um estudo maior intitulado **A narrativa de Miguel Sanches Neto: Memória e Identidade**, defendido junto ao Programa Pós-Graduação *Stricto Sensu*, nível de Mestrado, em Letras, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, sob orientação do Professor Dr. Antonio Donizeti da Cruz. A dissertação, ao tentar desvendar a obra de Miguel Sanches Neto, analisa uma das mais bem sucedidas realizações da literatura brasileira contemporânea. Além disso, se caracteriza por ser o primeiro estudo acadêmico que contempla a produção literária do referido escritor.

<sup>2</sup> Todas as citações da obra de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000. E serão referenciadas, neste trabalho, apenas com a indicação da página e, em itálico.

terra e um orgulho pela pobreza – escala social entendida como desígnio quase divino”. Sanches Neto ambienta espacialmente o romance em Peabiru, cidade em que foi criado, situada no Noroeste do Paraná, o que corrobora para a mescla entre o real e o ficcional.

É sobre o universo e/ou espaço social – tão bem construído em **Chove sobre minha infância** – que o presente trabalho tem como objeto principal de análise. A partir do enredo do romance, é salutar destacar como a figura de Sebastião reproduz a imagem do chefe patriarcal<sup>3</sup>, ou seja, como a personagem dá espaço a uma ideologia que coloca o trabalho sempre em primeiro plano. À medida em que Miguel Sanches Neto reproduz os costumes, a linguagem e o cotidiano do interior paranaense, ele não está apenas estabelecendo um perfil histórico, social e econômico do Estado, mas faz um retorno a um modo de organização social distinta dos grandes centros industriais. O que está em voga em **Chove sobre minha infância** é a forma de organização rural presente no Paraná entre as décadas de 1950 a 1980. Neste lapso de tempo a agricultura modernizou-se, passando a ser mecanizada e a agricultura de subsistência tornou-se competitiva e globalizada.

### **Chove sobre minha infância: tempo e espaço**

Em **Literatura e sociedade** (2000), Antonio Candido tece algumas considerações a respeito do espaço romanesco. Segundo o estudioso, em meados do século XIX, o cenário social no qual a obra estava ambientada era considerado essencial para a sua compreensão. No entanto, anos mais tarde, a análise a partir do “condicionamento social” foi considerada duvidosa, uma vez que, para se compreender uma obra de arte, recorria-se, fundamentalmente, aos aspectos estéticos e estruturais. Na atualidade, sabe-se que para entender uma obra de arte, independente de seu gênero, precisa-se levar em consideração os aspectos estéticos, mas, sobretudo os aspectos sociais. A este respeito Antonio Candido (2000, p. 3-4) afirma:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo de interpretação.

Candido também assinala que o fator social e/ou externo torna-se interno, pois ele é fundamental para determinar os aspectos estruturais. Ao estudar o espaço romanesco Rita Felix Fortes (2003, p. 97) afirma: “É consensual que literatura não é mimese da realidade e que somente os fatos históricos, econômicos e sociais não explicam uma obra literária. Entretanto, são indiscutíveis as relações entre forma romanesca e a estrutura do meio social onde ela se desenvolveu”. Ou seja, além de serem fundamentais para a compreensão de uma obra, os fatores sociais são determinantes no processo de construção desta. O que ocorre é que, na maioria das vezes, o autor expressa, através da sua sensibilidade, as peculiaridades do universo em que ele está inserido ou do qual tem conhecimento. Ainda segundo Fortes (2003, p. 98), é de praxe na tradição literária brasileira, os escritores darem uma atenção especial à organização social e espacial nas suas narrativas:

Nos romances inaugurais da Literatura Brasileira, o contexto social e a configuração espacial são sempre elementos vitais. *Memórias de um sargento de milícias* (ALMEIDA, 1975) tem na sátira aos meirinhos, milicianos, etc. – os burocratas incipientes –, e na sociedade ainda em formação, durante a estada de D. João VI no Brasil, a pedra-de-toque da sua composição. Os romances urbanos de

---

<sup>3</sup> As relações vigentes durante o sistema patriarcal e semi-patriarcal fazem parte da tradição literária brasileira. Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores expoentes da poesia brasileira contemporânea, também deu especial atenção às relações familiares hierarquizadas da época. Os poemas “Distinção”, “O Beijo”, “Raiz”, “Infância” e “O excomungado”, são considerados os principais em relação ao sistema hierárquico brasileiro.

José de Alencar perpassam muitos dos valores da sociedade carioca do Segundo Império (FORTES, 2003, p. 98).

Na Literatura Brasileira atual, inúmeros romancistas, contistas e cronistas se valem dos aspectos sociais para compor suas obras. Moacyr Scliar, um dos contistas mais representativos da Literatura Brasileira Contemporânea, organiza suas obras a partir de narrativas que abordam a realidade social da classe média urbana no Brasil e de narrativas que tematizam a imigração judaica, – provinda de sua herança étnica. Sua atividade profissional, de médico da saúde pública, franquea-lhe o passaporte para uma análise de situações e carências da população brasileira. Assim, Scliar tece questionamentos em relação ao comportamento e o modo como está organizada a sociedade atual.

Segundo Mikhail Bakhtin (2003, p. 225), o ato de **ver o tempo** e de perceber o espaço como algo móvel e que está sujeito às mais diversas transformações, é ter a capacidade de “ler os **indícios do curso do tempo em tudo**, começando pela natureza e terminando pelas regras e idéias humanas (até conceitos abstratos)” (2003, p. 225). Conforme o teórico, a revelação do tempo ocorre por meio dos movimentos resultantes da natureza: “o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis das estações do ano; tudo isso, em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalhos) constitui o tempo cíclico em um grau variado de intensidade” (2003, p. 225).

Por outro lado, as modificações no plano social-histórico são verificadas através da criação humana, ou seja, por meio do trabalho e da inteligência do homem. Os grandes centros urbanos, as ruas, as casas, as obras de arte e as organizações sociais são a prova material dessa modificação temporal causada pelo homem: “Com base nesses elementos o artista interpreta as intenções mais complexas dos homens, das gerações, das épocas, das nações, dos grupos e classes sociais. O trabalho do olho que vê se combina aqui com os mais complexos processos de pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 226).

A partir das postulações teóricas de Bakhtin, verifica-se como tempo e espaço estão diretamente ligados. O tempo é uma representação coletiva e está associado à necessidade que as sociedades têm de mudança e/ou de restauração. Desde os primórdios da civilização o homem e as sociedades sofrem modificações nos mais diversos aspectos. Ou seja, devido às necessidades, a sociedade, ou a forma de organização social, de tempos em tempos, se transforma. Neste caso, cabe aos artistas – aqui o escritor – a interpretação de cada época, revelando os problemas, as carências, as angústias e as transformações de cada período da história dos homens. Neste sentido, o cenário paranaense representado em **Chove sobre minha infância**, demonstra como a criação humana modifica a forma de organização social vigente e, ao mesmo tempo, causa uma mutação temporal, a qual, no livro em questão, preconiza o caráter capitalista das relações humanas. Miguel Sanches Neto atesta para uma fase de transformação na sociedade rural paranaense: Não é somente a passagem da agricultura auto-sustentável para a mecanizada, mas, sobretudo, a modificação dos valores, usos e costumes.

O objetivo do presente estudo vai de encontro às palavras mencionadas por Paulo Polzonoff (2000, p. 10):

O que importa é o recorte da história paranaense, [...]. Lê-lo é perceber outro Brasil durante a ditadura, rural – alheio às questões de restauração da democracia que agitavam os grandes centros – cuja tortura se resumia à lida diária no campo e à danoção do nascer-crescer-e-morrer entre cafezais [...] e campo de soja.

Ao dispor em narrativa as reminiscências<sup>4</sup> da sua infância, Miguel Sanches Neto registra a história da sua geração. Isto é, uma geração que, ao viver no interior paranaense, fora vítima de uma

---

<sup>4</sup> Pode-se dizer que **Chove sobre minha infância** é um livro de memórias, ou seja, escrito a partir das reminiscências do seu escritor. Porém, não se trata de autobiografia, uma vez que a narrativa é perpassada também de ficcionalização. Este aspecto fica claro já na epígrafe do livro: “Este livro não é sobre mim, mas a partir de mim”.

sociedade decadente e analfabeta. A luta do menino orfão, que tenta se sobressair por meio da sua vocação literária é a representação de muitos paranaenses que lutaram pela realização de um sonho, ou que foram em busca de uma vida melhor: “E ‘de repente’ é também a história de todos que saíram da roça para o mundo cosmopolita” (PELLEGRINI, 2000, p. 2).

Neste cenário, a presença de proprietários de terras que reproduziam o comportamento dos chefes patriarcais era marcante. Sebastião, padrao de Miguel, e Zé-Zabé, seu avô, são personagens que representam a luta incansável pelos bens materiais, a ordem e a disciplina para o trabalho e a visão de que a força braçal constitui a única maneira de garantir o futuro para a família. Esta perspectiva está presente ainda hoje em algumas localidades do interior paranaense e muitos chefes de família, como Sebastião e Zé-Zabé, chegaram a lugares praticamente intocados e ali se estabeleceram: Derrubaram matos, enfrentaram animais, plantaram e colheram, compraram terras, gado, casas, carros, tudo por meio da disciplina e da força para o trabalho.

Essa ideologia em relação ao trabalho que vem da terra, da força do homem e que dá sustento à família, faz parte já dos primórdios da civilização, quando o homem usava sua força física para extrair da natureza os alimentos que necessitava. Segundo Sebastião Ferreira Gonçalves (2002), na origem da evolução humana o trabalho era visto como interação do homem com a natureza. Esta harmonia era estabelecida pela extração de produtos, atividade que também servia para que os indivíduos fossem se libertando da proteção de seus progenitores e integrando-se à comunidade dos seres livres para retirar da natureza com sua própria força, os produtos que lhe fossem mais agradáveis: “Esta atividade chamamos de trabalho por que, requer esforço físico, pois ao mesmo tempo em que o sujeito está gastando suas energias com o trabalho para retirar os alimentos da natureza, ele está também recompondo suas energias quando está se alimentando.” (GONÇALVES, 2002, p. 59).

No entanto, a concepção de trabalho tem se modificado ao longo dos anos. Segundo Geram (2001, p. 327): “Na Grécia, o trabalho era uma atividade privada, sendo o trabalho manual função dos escravos e a atividade intelectual, de acordo com Platão, cabia aos melhores homens”. Na Idade Média, a Igreja também deu seu parecer: “O trabalho é, segundo Santo Tomás de Aquino, o meio de salvação, uma oportunidade, oferecida pela (graça) divina, de redenção pela penitência” (GERAM, 2001, p. 328).

Alguns séculos mais tarde, a visão em relação ao trabalho recebe nova significação. No contexto das industrializações, o trabalho passa a ser comercializado e reconhecido como o meio pelo qual o homem garantiria a sua permanência e durabilidade. Nos séculos XVIII e XIX, é que surge a sociedade capitalista moderna, a qual se caracteriza pela organização do mercado; tudo o que é produzido está em função do mercado, nesta perspectiva, o trabalho também se transformou em mercadoria, isto é, quanto mais trabalho, mais lucro e, conseqüentemente, uma maior aquisição de bens.

Para Sebastião, o trabalho deveria ser incessante, os filhos, mesmo na primeira infância, eram levados para o trabalho na lavoura: “*Nas férias, o pai exige que a gente vá com ele ajudar no serviço do sítio. Durante a manhã ele ainda vende frutas na frente do Bar Vera, nós vamos junto aprender a trabalhar*” (p. 87). Em outra passagem da obra, Sebastião critica Miguel por ele estar indo trabalhar na cerealista com a roupa limpa: “*O pai se irrita com esta mania de limpeza. E mostra os agricultores que freqüentam a cerealista. Está vendo? Todos vêm sujos. E é o dia de fazer compras na cidade. A sujeira só é vergonhosa pra quem não trabalha. Você deveria ter orgulho de andar sujo, isso mostra que você não é vagabundo*” (p. 164). Esta concepção de trabalho, isto é, do trabalho braçal, que exige força física, suor, sujeira e que é uma das características da personalidade de Sebastião, encontra guarida nas máximas populares como: “Quem dá o pão, dá o ensino” e “Todo o vadio está fadado a ser pobre”.

Como dito anteriormente, foi a partir do século das industrializações, da produção dos bens de consumo e da busca incessante pelo lucro, que o trabalho começou a mudar. De acordo com Beiguelman (1977), no Brasil, isso não foi diferente, no início do século XIX, com a agricultura voltada para a exportação, a força do trabalho foi muito explorada, tanto no que se refere aos escravos quanto, mais tarde, com os imigrantes estrangeiros. A escravidão significava para os senhores a garantia de estabilidade, a regularidade e a disciplina para com o trabalho.

Da imigração também fora exigida uma disciplina para o trabalho, uma vez que os imigrantes vieram para o Brasil, justamente para substituir a mão de obra escrava. Nesse sentido, eram mandados para as plantações de café no interior paulista e mineiro e deles eram exigidos o máximo de disciplina e força de trabalho, ninguém tinha chance de levar outra vida, senão a do trabalho na lavoura. Desta forma, é que se perpetuou a ideologia da força do trabalho, uma vez que a segurança financeira das famílias era garantida através da plantação, da colheita e, conseqüentemente, dos lucros que da lavoura resultavam. Sebastião fora educado nesta concepção, ou seja, de desbravar terras e de lutar pela sobrevivência de forma incansável:

O pai sai de uma família de vários filhos, não recebe nenhum apoio, muito pelo contrário, ajuda na criação dos irmãos. A vida inteira trabalhando, se jogando de corpo inteiro no serviço, até hoje, quando já não precisa, acreditando sempre que com o esforço não há dificuldades que não se vença. O padrao que tanto trabalhou, mas não sabe falar, que não sabe se expressar, que nunca escreveu uma carta, jamais se intimidou diante de qualquer situação difícil. (p. 247).

Esses foram os fatos que despertaram em Sebastião a ideologia que coloca o trabalho sempre como algo primordial e o único meio de se ter dignidade e bem estar. O fato de ver os filhos se dedicando aos estudos estava além da sua concepção de mundo. Para ele, tudo o que provinha da terra e do esforço do homem era válido e, o contrário, era banido e repellido do seu universo. Essas atitudes autoritárias expostas em **Chove sobre minha infância** é que permitem relacionar o comportamento de Sebastião ao dos chefes do período patriarcalista.

Em **Casa grande & Senzala** (GILBERTO FREYRE, 2004) o autor assinala que durante o sistema patriarcal brasileiro – século XV ao XIX – as ações que estruturavam a vida das pessoas estavam sujeitas, obrigatoriamente, às determinações do Senhor, o dono das terras, dos escravos, dos animais, da casa grande e do engenho. Centralizador e autoritário, o chefe patriarcal determinava a vida de todos os moradores das suas terras – o engenho – inclusive, a da mulher e dos filhos. Em **Sobrados & Mucambos** (1998), Freyre discute – no terceiro capítulo intitulado “O pai e o filho” – a relação estabelecida pelo modelo da época entre o pai – o chefe patriarcal – e o filho.

Durante o sistema patriarcal a visão que se tinha em relação à infância e à criança é muito distinta do conceito atual, ou seja, as crianças além serem obrigadas a se comportarem como os mais velhos, o que era visível, principalmente, por meio das vestes, ainda eram consideradas inferiores aos adultos. A este respeito Freyre (1998, p. 67) afirma:

Towner lembra que nas sociedades primitivas o menino e o homem são quase iguais. Dentro do sistema patriarcal, não: há uma distância social imensa entre os dois. Entre “párvulos” e “adultos”, para usar as velhas expressões portuguesas. Tão grande como a que separa os sexos: o “forte”, do “fraco”, o “nobre”, do “belo”. Tão grande como a que separa as classes: dominadora, da servil – às vezes sob dissimulação de raça ou casta “superior” e “inferior”.

Nesta época, muitas crianças foram humilhadas e submetidas a torturas: “Homens que na meninice sofreram horrores dos pais, dos tios-padres, do padrao e da madrasta [...] Homens que, como os escravos, desde pequenos oprimidos por senhores mais autoritários, ficaram gogos [...]” (FREYRE, 1998, p. 71). De acordo com Silva (2001, p. 282): “No final do século XIX e início do século XX, as famílias brasileiras vivem, ainda, de acordo com os moldes impostos pelo regime patriarcal, tanto no meio urbano como no meio rural, mas se percebia que o patriarcalismo

predominava com mais rigor no meio rural”. É evidente, a partir do enredo de **Chove sobre minha infância**, que Miguel e seus irmãos não eram tratados exatamente como no sistema patriarcal brasileiro de meados do século XIX. No entanto, no que se refere ao autoritarismo de Sebastião, percebe-se como o seu comportamento está baseado no modelo hierárquico.

À medida em que Sebastião obriga os filhos a fazerem somente o que é de seu interesse, ele está agindo como um chefe ao qual todas as pessoas devem obediência, afinal é ele que detém o poder. O narrador de **Chove sobre minha infância** afirma: “*O pai só valoriza quem é igual a ele, quem faz as coisas do jeito dele, quem se veste como ele, quem trabalha como ele. E eu sou diferente. Não quero seguir o mesmo destino*” (p. 124). Deste modo, em não havendo o comportamento esperado pelo chefe, o desregrado é punido severamente. A passagem de uma das brigas de Miguel e Sebastião exemplifica: “*Bem na hora o pai entra, perguntando se eu provo que a mãe dele é puta. Mas não me deixa responder, sinto o peso de uma mão imensa no meu rosto e caio. Levanto com raiva e digo que é pra ele bater mais, aproveitar e bater bastante, porque é a última vez que me bate na vida*” (p. 125).

No que se relaciona à educação formal e aos estudos, a visão de Sebastião estava, de certa forma, pautada em histórias que sempre foram populares na sociedade brasileira, ou seja, histórias que narram a traição de filhos estudados; que foram sustentados pelos pais, estudaram, tornaram-se bacharéis e que, tomaram por meio da sua inteligência e conhecimento, todos os bens pertencentes à família. Esse receio de Sebastião está presente na seguinte passagem de **Chove sobre minha infância**:

(...) O padraço não quer ver o filho estudando, e muito menos formado em leis.  
(...) Você tem sonhos, você se imagina numa sala, usando uma máquina de escrever elétrica, a camisa branca, com colarinho duro, a gravata. Mas o padraço não autoriza a tua saída de casa, alegando que chegou o momento de trabalhar. – Não sustento mais vagabundo. Você diz que pretende cursar agronomia, que assim poderia cuidar das terras ou trabalhar com os agricultores da região. Novas discussões, até que o padraço permite. (p.209-210).

Em relação a estas histórias, Freyre (1998, p.19) afirma: “mas não vá ninguém abandonar-se à idéia de que os grandes proprietários de terra, tão poderosos a princípio, acabaram todos uns reis Lear, sempre traídos por filhos doutores e por filhas casadas com bacharéis”. Ao término de **Chove sobre minha infância**, Carmem, a irmã de Miguel, explica ao narrador o porquê do comportamento do padraço, quando o menino expressava o seu gosto pelos estudos:

[...] Ele não lutava contra você, mas contra aquilo que você simbolizava. Você era o perigo, o assaltante inteligente que lhe tiraria tudo, que o deixaria na rua. A lógica das coisas queria que esta fosse sua função dentro da vida dele. Então o pai fez de tudo para te derrubar ele te deu a chance de fugir, de procurar outro caminho, onde você conseguiu, no mínimo, provar que podia ficar de pé (p. 246).

A respeito do comportamento de Sebastião e do sistema vigente no interior paranaense de meados do século XX, Maria Beatriz Zanchet (2003, p.28) afirma:

Sebastião metaforiza a alma do patriarca, ferido pela modernidade, incansável em seus valores de enfrentamento, num mundo baseado na concorrência feroz. A forma de organização de vida nas pequenas comunidades agrícolas, no interior do Paraná, a partir da década de sessenta, confere o substrato social sobre o qual o romance toma acento. Usos, costumes, comportamentos, linguagens, dores e prazeres de um tempo que se está perdendo ficam plasmados na forma como o autor amarra situações e personagens.

O comportamento e as atitudes de Sebastião só são entendidas no final da obra quando o leitor se depara com a carta de Carmem, a irmã de Miguel: “Portanto, ao se valer do expediente retórico da carta da irmã, Carmem Sanches, no capítulo “Herdeiro de Ruínas”, o narrador consegue resolver,

de forma singular e convincente [...] o drama fragmentado do relacionamento familiar” (ZANCHET, 2003, p. 29). Na carta, a irmã do narrador expõe uma terceira visão sobre os conflitos entre Miguel e Sebastião: “Agora compreendo melhor o que se passava em sua cabeça, suas angústias e mesmo este profundo sentimento de orfandade” (p. 243).

Carmem explica ao narrador as causas que levavam Sebastião a agir de forma rígida: “Quando ele te arrastava para o mundo dele, era uma forma de te amar, de te ensinar o que ele sabia. É claro que ele não tinha jeito, tanto que conseguiu distanciar o Zé e o Luís. Só que não dá para dizer que ele queria o teu mal, desejava apenas te chamar para a realidade” (p. 247). A trajetória de Miguel remete também ao mito do escritor, ou seja, à idéia do escritor que precisa lutar contra todas as adversidades para vencer. E, também, segundo Pellegrini (2000), a vitória de Miguel – de realizar um sonho pessoal mesmo tendo o padrasto contra – está relacionado ao mito de Isaac: “A vitória de Sanches, personagem e autor do livro, contra a opressão mesquinha de seu padrasto remete ao mito bíblico de Issac tentando se libertar do jugo da imagem de seu pai, Abraão”.

Quando o narrador retorna à Peabiru, cidade em que passou a infância, não se lamenta e nem demonstra saudades, não há rancor e nem benevolência: “Percorro de volta as ruas de Peabiru, depois de uma ausência de 15 anos. Não vou direto para a casa do pai, saio pelas ruas desviando de meus itinerários antigos. Quem passou a infância aqui só pode ter esta alma encardida. A poeira vermelha dá a tudo um véu de velhice. Percorro a cidade vazia desviando de meu destino” (p. 252). A partir desses sentimentos, Miguel demonstra ter resolvido os problemas da infância, afinal, ele venceu as adversidades, tornou-se escritor e conquistou o seu espaço. Além disso, realizou o seu maior objetivo em relação ao ato de escrever:

Vindo de um povo praticamente iletrado, recebi a tarefa de ser um porta-voz. Escrevo por isso, para fazer com que falem estes entes sem discurso. Pode ser até uma justificativa tola, mas como ela pesa para mim. Se você não a compreende, é porque sua história é outra, você não sente o travo amargo de um silêncio centenário. (...) Não pude ser mais útil à sociedade, não salvo vidas como os médicos, não luto pelos miseráveis, não minimizo a solidão dos homens como as prostitutas, mas pronuncio palavras que viviam apenas virtualmente na cabeça de meus antepassados, eu toco estas palavras em estado imaterial com meu sopro, com meu corpo, com estes lábios rotos. Por favor, não me peçam mais, isto já é o bastante para um ser tão ínfimo. (p.240-241).

A respeito dessa rememoração dramática da infância, Maria Beatriz Zanchet, afirma: “Tempo e memória se entrelaçam e, como o fluir das águas sempre renovadas, a história vem à tona purificando o passado sofredor” (2003, p. 23). Em suma, além de realizar o sonho de seu autor – narrar a trajetória de pessoas que estão à margem do sistema – a obra literária é o meio pelo qual Miguel Sanches Neto resolve, de forma primordial, as angústias, as carências e o dramático relacionamento familiar.

## Conclusão

As discussões acerca da relação tempo e espaço proporcionaram o olhar a um universo rústico e peculiar da formação histórica e econômica: o interior paranaense. Além disso, os comportamentos presentes no livro, representa o comportamento das pessoas da época, esta que está subentendida entre as décadas de 1950 a 1980. Sanches Neto aborda uma época de transformação na sociedade paranaense: é a chegada da mecanização agrícola, a qual vai causar mudanças em todos âmbitos sociais do Estado.

A trajetória de Miguel, o menino carente financeira e afetivamente, representa a história de muitas pessoas que viviam no campo, mas que esperavam algo além daquele universo. Universo este que apresentava resquícios do sistema patriarcal, o que o tornava, de certa forma, violento e conflitante. No final de **Chove sobre minha infância**, o Miguel adulto, depois de voltar ao passado,

inclusive à sua cidade natal, por meio do mecanismo da memória e descoberta da verdadeira identidade, demonstra, não sem mágoas, ter entendido os percalços pelos quais esteve submetido durante sua vida.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- [1] BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2003.
- [2] BEIGUELMAN, Paula. **Formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- [3] CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- [4] DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- [5] FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.
- [6] \_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos: A continuação de Casa grande & senzala**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- [7] FORTES, Rita Felix. “O Espaço Romanesco”. In: **Anais da 6ª JELL – Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários**. Org. Rita Felix Fortes e Maria Beatriz Zanchet. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.
- [8] GERAM, Tatiana Andréa. “A Ideologia do Trabalho na Literatura Infantil. In: **III Caderno de Língua e Literatura**. Org. Clarice Nadir von Borstel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.
- [9] GONÇALVES, Sebastião Ferreira. **A condição humana diante da propriedade privada na perspectiva das lutas de classes**. Curitiba: Ed. Graf. Popular, 2002.
- [10] HOBBSBOWN, Eric. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro :Paz e terra, 1982.
- [11] NETO, Miguel Sanches. **Inscrição a giz**. Fundação Catarinense de Cultura: 1991.
- [12] \_\_\_\_\_. **Venho de um país obscuro**. Travessa dos editores: 2000.
- [13] \_\_\_\_\_. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- [14] \_\_\_\_\_. **Hóspede secreto**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- [15] \_\_\_\_\_. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- [16] \_\_\_\_\_. **Abandono**. Edição fora do comércio, 2003.
- [17] \_\_\_\_\_. **Você sempre à minha volta**. Letras Contemporâneas: Ponta Grossa, 2003.
- [18] PELLEGRINI, Domingos. “A Espantosa e Triunfante Flor de Miguel Sanches. In: **Gazeta do Povo**, 1 de outubro de 2000.
- [19] POLZONOFF, Paulo. “Histórias da Terra Roxa e decadente. In: **O Estado**, 9 de outubro de 2000.
- [20] SABINO, Mario. “A Utopia Dissecada”. In: **Revista VEJA**. 24 de agosto de 2005.
- [21] SILVA, Maristella Engels. “A Hierarquia das Relações Familiares no Sistema Patriarcal”. In: **III Caderno de Língua e Literatura**. Org. Clarice Nadir von Borstel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.
- [22] ZANCHET, Maria Beatriz. “Chove sobre minha infância: A ficção como catarse”. In: **Anais da 6ª JELL – Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários**. Org. Rita Felix Fortes e Maria Beatriz Zanchet. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

---

### **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Prof. Ms Alzira Fabiana de Christo**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNI-OESTE); Centro de Comunicação, Educação e Artes. fabizizi@hotmail.com